

“Die Heilige Bahn”: caminhos filosóficos e sendas poéticas em um poema de Friedrich Hölderlin

Carolina Meire de Faria

RESUMO: O poeta alemão Friedrich Hölderlin escreve, entre 1788 e 1793, uma série de poemas, hinos e elegias. Dentre esses textos se encontra o “Die heilige Bahn”, poema incompleto, concebido em 1787, quando o poeta estudava no monastério da cidade de Maulbronn. Este trabalho não se encontra nas coletâneas disponíveis que abrangem o período da fase de Tübingen, até este momento, no Brasil. Portanto, nossa proposta de tradução tem o objetivo de divulgar um texto inédito em português, colaborando para o conhecimento de um poema que consideramos ser de grande potência reflexiva. Além disso, propomos que no “Die heilige Bahn” já se expressam os germens do projeto filosófico do poeta cuja análise se faz necessária. Outro objetivo se refere ao interesse em contribuir para os estudos de textos de juventude de Hölderlin.

Palavras-Chave: Hölderlin; poesia; tradução.

ABSTRACT: The German poet Friedrich Hölderlin wrote, between 1788 and 1793, a series of poems, hymns and elegies. Among these texts is the “Die heilige Bahn”, an incomplete poem, conceived in 1787, when the poet was studying at the monastery in the city of Maulbronn. This work is not found in the collections available that cover the period of the Tübingen phase, until this moment, in Brazil. Therefore, our translation proposal aims to disseminate an unpublished text in Portuguese, contributing to the knowledge of a poem that we consider to be of great reflexive power. Furthermore, we propose that “Die heilige Bahn” already expresses the seeds of the poet’s philosophical project, whose analysis is necessary. Another objective refers to the interest in contributing to the studies of youth texts by Hölderlin.

Keywords: Hölderlin; poetry; translation.

Apresentação ao poema e à tradução¹

O poeta alemão Friedrich Hölderlin escreve, entre 1788 e 1793, uma série de poemas, hinos e elegias que foram reunidos na denominada fase de Tübingen². Dentre esses textos se encontra o “Die heilige Bahn”, poema incompleto, concebido em 1787, quando o poeta estudava no monastério da cidade de Maulbronn. Este trabalho foi transcrito, pela primeira vez, em um dos cinco volumes da *Sämtlich Werke* [obras completas e cartas] de 1914, organizada por Franz Zinkernagel. Ato também praticado por Norbert von Hellingrath na *Sämtlich Werke – Historisch – kritische Ausgabe* [edição histórica e crítica das obras completas de Hölderlin], primeira edição crítica de 1936 e nas edições posteriores da obra completa de Hölderlin.³

Chama a atenção a ausência desse texto nas coletâneas hölderlinianas em circulação na Alemanha desde 1826, ano em que é realizada a primeira reunião de poemas de Hölderlin por Ludwig Uhland e Gustav Schwab. Esta abstenção é também notada nas antologias de sua obra disponíveis em português⁴, espanhol e inglês até a atualidade, sendo exceções as antologias *Oeuvre poétique complète* [2005, François Garrigue] em francês e *Tutte le liriche*, em italiano [2001, Luigi Reitani]⁵.

1 Agradeço à leitura atenta e as inestimáveis contribuições de Antônio Orlando de Oliveira Dourado Lopes, Joãozinho Beckenkamp, Laura de Borba Moosburgur de Moraes e Ulisses Razzante Vaccari para esta tradução.

2 O poema em questão se encontra na sessão “Fase de Tübingen” da *Große Stuttgarter Hölderlin-ausgabe* [edição histórica e crítica das obras completas de Hölderlin], editada por Friedrich Beissner e Adolf Beck em 1946.

3 Para compor uma história editorial deste poema, a fim de verificar possíveis variações na transcrição e fixação do texto, recomendo verificar a obra *Frankfurter Hölderlin-ausgabe* [outra edição histórica e crítica da obra hölderliniana], do germanista Dietrich Sattler, de 1975 e demais edições da coleção de escritos de Hölderlin, como por exemplo a obra *Sämtliche Werke und Briefe* de Jochen Schmidt, de 1992, a qual traz análises específicas de cada poema.

4 Cf. HÖLDERLIN, Friedrich. Poemas. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Instituto de Cultura Alemã, 1944. HÖLDERLIN, Friedrich. Canto do destino e outros cantos. Trad. Antônio Medina Rodrigues. São Paulo: Iluminuras, 1994.

5 Cf. a crítica de Luigi Reitani sobre o método de organização dos escritos dos escritos de Hölderlin. REITANI, Luigi, GRAHAM, David. Face to Face. Hölderlin in a New Italian Bilingual Edition. *In*: MLN, vol. 117, n. 3, 2002, p. 590-598. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3251974>> Acesso em: 22 jul. 2021.

Uma informação digna de nota é que não foram observados na fortuna crítica, dedicada ao poeta suábio, estudos específicos sobre este poema⁶, à exceção do comentário e da versão inglesa do mesmo no *corpus* do artigo “A small number of houses in a universe of tragedy: notes on Aristotle’s *περί ποιητικής* and Hölderlin’s *‘Anmerkungen’*”⁷ de David Farrell Krell (2005). Este autor não tem como foco o próprio “Die heilige Bahn” mas a influência da “*Poética*” aristotélica nos textos de Hölderlin. Contudo, a pesquisa é oportuna porque traz o poema (integralmente) traduzido para o contexto acadêmico e amplia a investigação de Jacques Taminiaux na obra “*Le Théâtre des Philosophes*” (1995) já que inclui o poema ao lado de outras composições poéticas de maturidade e das teorias tardias de Hölderlin, como em “*Observações*”.

A justificativa de nosso trabalho tem origem em três considerações: a tradução de “Die heilige Bahn” não se encontra nas coletâneas disponíveis que abrangem o período da fase de Tübingen, até este momento, no Brasil; no poema é tematizado o diálogo holderliniano com Aristóteles.

Deste modo, nossa proposta de tradução tem o objetivo de divulgar um texto inédito em português, colaborando para o conhecimento de um poema de grande potência reflexiva. Consideramos que no “Die heilige Bahn” já se expressam os germens do projeto filosófico do poeta cuja análise se faz necessária. Outro objetivo se refere ao interesse em contribuir para os estudos de textos de juventude de Hölderlin.

Para o trabalho, nos baseamos na reprodução do “Die heilige Bahn” presente no 2º volume da *Sämtlich Werke* de Friedrich Beissner de 1946 e 1947, respectivamente. Neste tomo há duas divisões, sendo a primeira uma reunião todos os poemas anteriores a 1800, enquanto a segunda traz o aparato crítico com anotações descritivas e explicativas sobre os textos transcritos. Nos valem de ambos os volumes para a tradução.

No que se refere aos elementos técnicos o poema apresenta estrutura formal composta por sete estrofes, sendo seis quartetos e um terceto, pois a última estrofe

6 Nossa pesquisa se estendeu a todo o Anuário [*Jarbüch*] Hölderlin, disponível em: <<https://www.hoelderlin-gesellschaft.de/website/de/publikationen/jahresbuecher-digital>> Acesso em 11 de agosto de 2011. Bem como à Bibliografia Internacional Hölderlin disponível em: <<http://www.statistik-bw.de/Hoelderlin/maske.jsp>> Acesso em 11 de agosto de 2021. Ampliamos nossa investigação para os repositórios online acessíveis até esta data em: <https://www.jstor.org>, <https://philpapers.org/>, <https://www.lib.umich.edu/>, <https://scholar.google.com.br/>.

7 “Um pequeno número de casas em um universo de tragédia: notas sobre *περί ποιητικής* de Aristóteles e ‘*Observações*’ de Hölderlin.

se mostra inacabada. Em termos métricos os versos variam de nove a dez sílabas poéticas e apresentam o esquema prosódico a seguir, de acordo com o manuscrito do próprio poeta⁸:

- - - - -
 - - - - - -
 - - - - - -
 - - - - - -

(O primeiro e último versos apresentam nove sílabas, ao passo que o segundo e terceiro, dez)

Embora esta estrutura possa ser aproximada a alguns elementos da prosódia e métrica da lírica grega ou latina, não nos parece haver uma repetição das formas poéticas fixas da antiguidade, mas um uso intencional destas para a concretização de um equilíbrio rítmico entre poética e teórica⁹. Assim os dáctilos e troqueus são organizados no “Die heilige Bahn” por uma estrutura hexâmetro própria. Esta escolha é parte de um conjunto maior de técnicas linguísticas que compõe o arranjo formal dos poemas de Hölderlin, atentos a sobreposição de efeitos sintáticos dissonantes que unem os versos de modo a produzir um único fluxo poético¹⁰.

Tal feito resulta em seu pioneirismo, um poeta inventivo, não apenas em relação a metrificação, tal como a deste poema, conforme notou Beissner (*SW*, I, II, 1947: 380-382) e Jochen Schmidt (*SW*, 4, 1992: p. 539) mas também em relação ao cuidado no uso de imagens que intensificam o campo semântico do próprio escrito.

Além disto, “Die heilige Bahn” acaba por extrapolar o campo lírico encontrando ecos no próprio campo filosófico. A princípio, somos apresentados a uma voz poética que percorre um caminho parmenídico rumo ao divino. O uso da

8 Tais manuscritos acompanham esta tradução. Cf. Canto superior esquerdo da folha 4 do fac-símile. In: HÖLDERLIN, Friedrich. *Die heilige Bahn* [Manuscrito]. Maulbronn [Alemanha], 1787. 4 fls. Fonte: **Württembergische Landesbibliothek Stuttgart**. Tübingen, Alemanha. Cod. poet. et. phil. fol. 63, I, 42. Disponível em <[http://dfg-viewer.de/show/?set\[mets\]=http://digital.wlb-stuttgart.de/mets/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625.xml](http://dfg-viewer.de/show/?set[mets]=http://digital.wlb-stuttgart.de/mets/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625.xml)>. Acesso em 22 de maio de 2021.

9 ROSENFELD, Kathrin H. *Antigona, intriga e enigma*: Sófocles lido por Hölderlin. São Paulo: Perspectiva, 2016. p. 12

10 DILTHEY, Wilhelm. *Poetry and experience*. Vol. 5. Princeton University Press, 1985. p. 374

estrutura se aproxima do poema “Sobre a Natureza” do pré-socrático Parmênides de Eléia (530 a.C a 460 a. C) e nos parece uma alusão intencional de Hölderlin, diante de uma recepção alemã dos filósofos antigos. Neste trajeto poético vislumbra no interior de um templo de mármore, um trono no qual está Aristóteles, “com o venerável cetro” a “olhar adiante”.

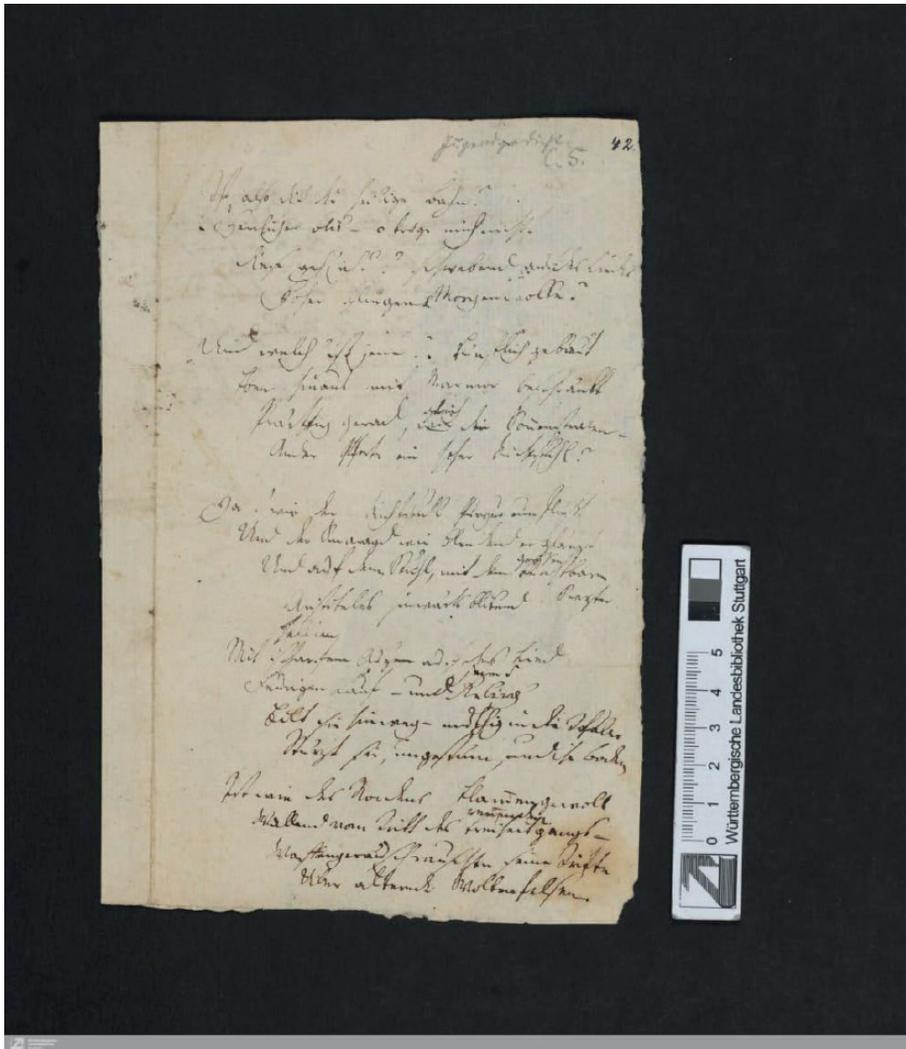
Afora essa menção explícita, não encontramos referências diretas ao estagirita em outros trabalhos de Hölderlin. Todavia, ainda assim consideramos que a filosofia aristotélica poderia ser aproximada do pensamento hölderliniano devido as reflexões sobre arte e natureza propostas por ambos. A começar pela definição do termo “natureza” e “*tekhne*”, bem como pelos argumentos propostos pelo estagirita a respeito das teses pluralistas e monistas dos pré-socráticos que consistiram no estabelecimento de princípios unos ou múltiplos na origem da gênese do mundo físico e cosmológico.

Ao enfrentar o argumento da filosofia implicada a esses projetos, tais como a análise da mudança e do repouso, Aristóteles se opõe a Tales de Mileto (625/4 a. C a 558 a. C) que estabelece a água como origem de todas as coisas. Para o estagirita “[...] os princípios são dois, três ou em maior número. Não é possível que o princípio seja um só, visto que os contrários não são um só [...]” (ARISTÓTELES, *Física*, I, 6, 189a, 11).

Ao refletir sobre esses princípios, nota-se a existência de forças de união e separação (chamadas por Empédocles de amor e ódio/discórdia) atuantes de forma equânime sobre as polaridades, pois “[...] de fato, a amizade não agrega o ódio nem faz algo dele, tampouco o ódio faz algo dela, mas ambos agem sobre um terceiro item distinto [...]” (ARISTÓTELES, *Física*, I, 6, 189a, 23-25). Tais reflexões nos parecem próximas da alusão que Hölderlin faz ao movimento do orgânico e do aórgico de sua própria filosofia.

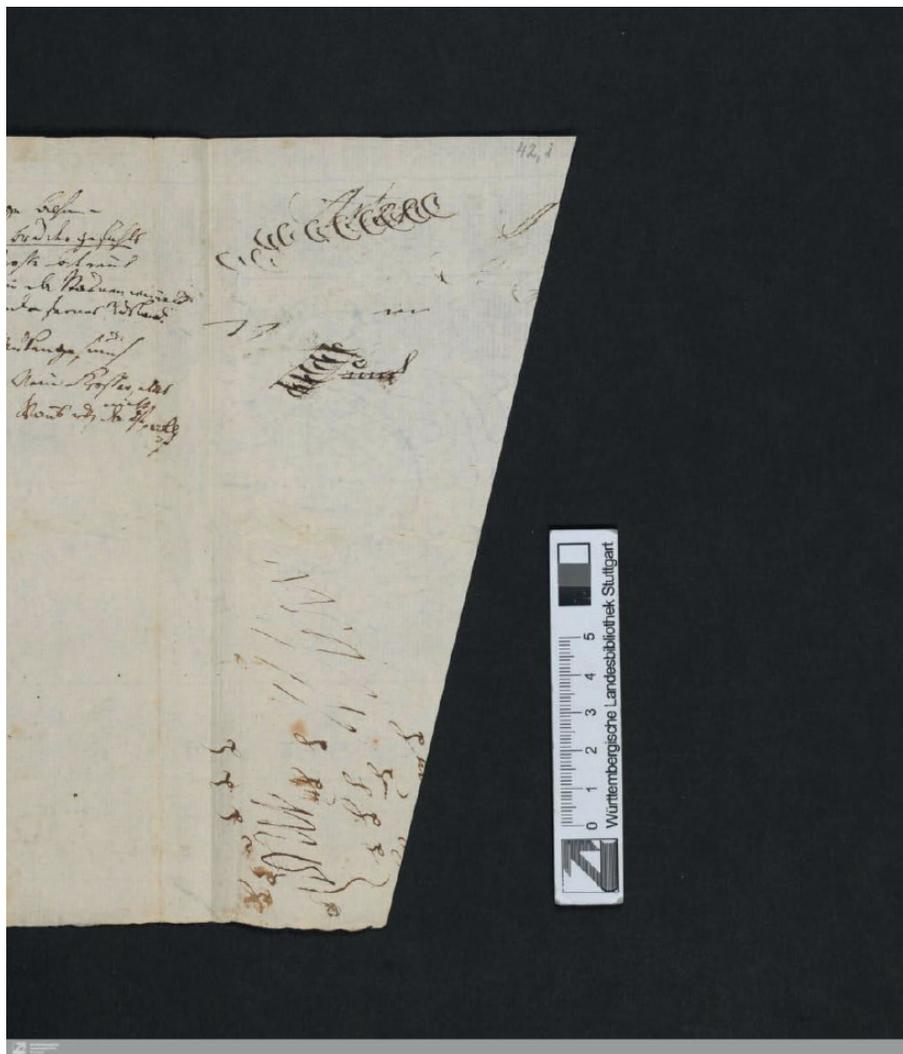
A partir desses pontos, apresentamos duas versões da tradução. Em ambas optamos pelo verso livre e pela preservação do campo semântico e imagético do pensamento hölderliniano, bem como da musicalidade das palavras em português em detrimento da reprodução da sintaxe e do esquema rítmico do original alemão.

Neste caso, a primeira versão é uma transposição criativa que consiste em interpretar o poema a partir de certo entendimento das reflexões filosóficas do poeta. Ao passo que a segunda tradução se atém a uma literalidade do original em alemão. O motivo de elaborar duas traduções visa demonstrar as possibilidades e complementariedades que existem ao se traduzir poesia, especialmente quando estas se referem a um poeta-filósofo como Hölderlin que articula tanto uma poética como uma filosofia em seus escritos.



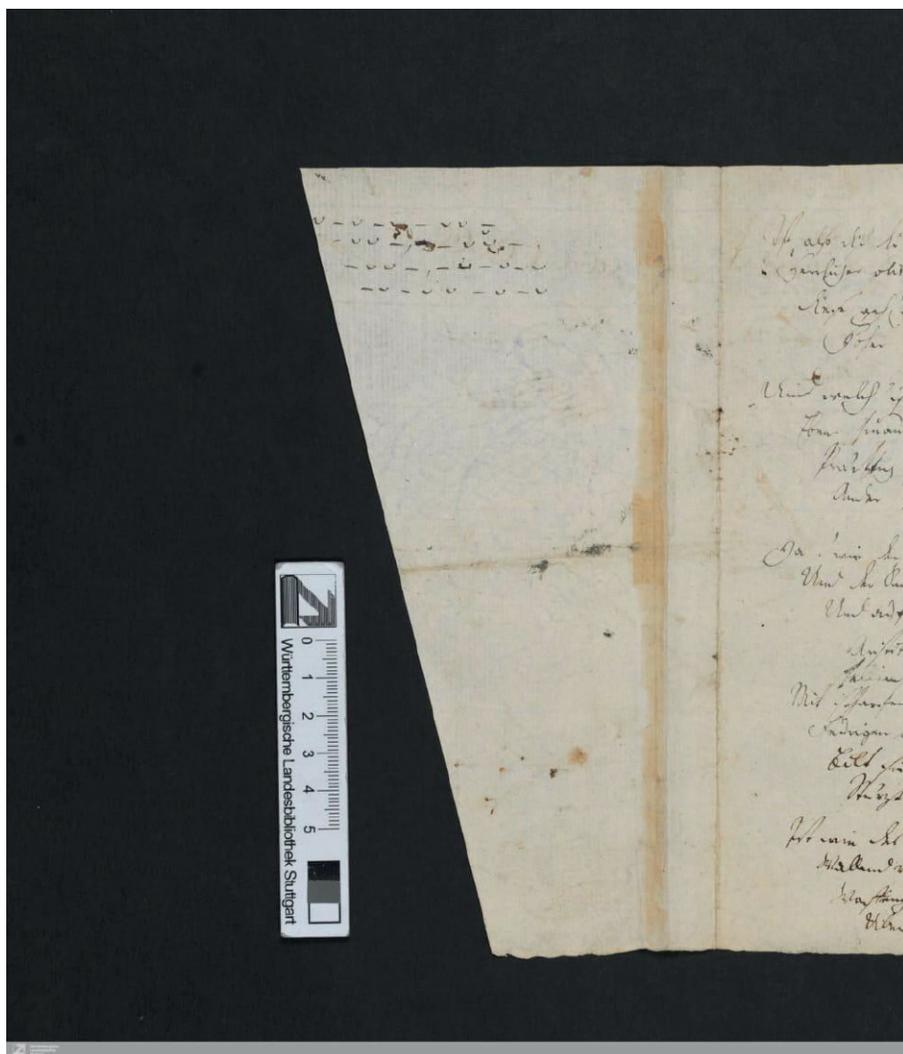
[Figura 1. Fac-simile do Manuscrito "Die heilige Bahn". Local de publicação: Maulbronn. Ano de publicação: 1787. Localização no acervo: Cod.poet.et.phil.fol.63, I, 42. p. 1]

Fonte: [http://dfg-viewer.de/show/?set\[mets\]=http://digital.wlb-stuttgart.de/mets/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625.xml](http://dfg-viewer.de/show/?set[mets]=http://digital.wlb-stuttgart.de/mets/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625.xml)



[Figura 3. Fac-simile do Manuscrito “Die heilige Bahn”. Local de publicação: Maulbronn. Ano de publicação: 1787. Localização no acervo: Cod.poet.et.phil.fol.63, I, 42. p. 3]

Fonte:[http://dfg-viewer.de/show?set\[mets\]=http://digital.wlb-stuttgart.de/mets/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625.xml](http://dfg-viewer.de/show?set[mets]=http://digital.wlb-stuttgart.de/mets/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625.xml)



[Figura 4. Fac-simile do Manuscrito "Die heilige Bahn". Local de publicação: Maulbronn. Ano de publicação: 1787. Localização no acervo: Cod.poet.et.phil.fol.63, I, 42. p. 4.]

Fonte: [http://dfg-viewer.de/show/?set\[mets\]=http://digital.wlb-stuttgart.de/mets/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625.xml](http://dfg-viewer.de/show/?set[mets]=http://digital.wlb-stuttgart.de/mets/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625.xml)

Primeira versão:

DIE HEILIGE BAHN

Ist also diß die heilige Bahn?
Herrlicher Blick – o trüge mich nicht!
Diese geh' ich?? Schwebend auf des Liedes
Hoher fliegender Morgenwolke?

Und welch' ist jene? Künstlich gebaut
Eben hinaus mit Marmor beschränkt
Prächtig gerad, gleich den Sonnenstralen –
An der Pforte ein hoher Richtstuhl?

Ha! wie den Richtstuhl Purpur umfließt
Und der Smaragd wie blendend er glänzt
Und auf dem Stuhl, mit dem großen Scepter
Aristoteles hinwärts blickend

Mit hellem scharfem Aug' auf des Liedes
Feurigen Lauf – und jenes Gebirg'
Eilt sie hinweg – muthig in die Thäler
Stürzt sie, ungestüm, und ihr Boden

Ist wie des Nordens Flammengewölk
Wallend vom Tritt des rennenden Gangs –
Waffengeräusch rauschen seine Tritte
Über alternde Wolkenfelsen.

Ha! sie ist heiß die heilige Bahn –
Ach wie geübt der Große dort rennt
Um ihn herum – wie da Staunen wimmelt
Freunde – Vaterland - fernes Ausland.

Und ich um ihn mit Mükengesums
Niedrig – im Staub – Nein Großer, das nicht.
Muthig hinan! –! Wanns nun da ist, voll ist

(StA 1, I: 79-80)

A SENDA SAGRADA

Esta é então a senda sagrada?
Visão Excelsa – não se dissimule de mim!
Esta é a via que devo percorrer? Enlevado na sereníssi-
ma melodia aureora?

E o que é esta senda? Na beleza engendrada
Suavemente tecida, cingida pelo mármore
Cintilantemente reta, como os raios do Sol –
O trono do julgamento no preclaro pórtico alto

Ah! Como os purpúreos circundam o trono do
julgamento
A esmeralda, quão ofuscante é seu brilho
e no trono, com o venerável cetro
Aristóteles a mirar adiante

Com os rutilantes olhos argutos na cantiga
Seu fluxo de fogo – e a senda sagrada
Correm apressadamente sobre as montanhas fugidias
– impetuosas mergulham nos vales, precipitam indo-
máveis no solo trilhado

É da nébula flamejante dos vagues do Norte
Ondulante brotada no rasgão da passagem –
O rumor das setas atravessa seus passos
Sobre os penhascos de brumas que envelhecem.

Ah! É feita de brasas a senda sagrada –
Oh, como o curso esférico atravessa o divino –
Como é sublime, amigos – o pátrio – a terra longín-
qua e estrangeira

Em tormentas percorro, movido pelos moscardos
me prosto abaixo – na poeira – ante ao Divino.
Oh, Sagrado! Onipresentemente fértil, me completo
quando estou junto a ti

Segunda versão:

DIE HEILIGE BAHN

Ist also diß die heilige Bahn?
 Herrlicher Blick – o trübe mich nicht!
 Diese geh' ich?? Schwebend auf des Liedes
 Hoher fliegender Morgenwolke?

Und welch' ist jene? Künstlich gebaut
 Eben hinaus mit Marmor beschränkt
 Prächtig gerad, gleich den Sonnenstralen –
 An der Pforte ein hoher Richtstuhl?

Ha! wie den Richtstuhl Purpur umfließt
 Und der Smaragd wie blendend er glänzt
 Und auf dem Stuhl, mit dem großen Scepter
 Aristoteles hinwärts blickend

Mit hellem scharfem Aug' auf des Lieds
 Feurigen Lauf – und jenes Gebirg'
 Eilt sie hinweg – muthig in die Thäler
 Stürzt sie, ungestüm, und ihr Boden

Ist wie des Nordens Flammengewölk
 Wallend vom Tritt des rennenden Gangs –
 Waffengeräusch rauschen seine Tritte
 Über alternde Wolkenfelsen.

Ha! sie ist heiß die heilige Bahn –
 Ach wie geübt der Große dort rennt
 Um ihn herum – wie da Staunen wimmelt
 Freunde – Vaterland - fernes Ausland.

Und ich um ihn mit Mükengesums
 Niedrig – im Staub – Nein Großer, das nicht.
 Muthig hinan! –! Wanns nun da ist, voll ist

(StA 1, I: 79-80)

A SENDA SAGRADA

Esta é então a senda sagrada?
 Magnífica visão – oh, não me engane!
 Sou eu? Pairando sobre as altas
 nuvens matutinas da canção?

E o que é aquela? Artificialmente construída
 Apenas confinada no mármore,
 Suntuosamente reta como os raios do sol –
 uma alta cadeira de juiz no portão?

Ah! como o púrpura flui em torno da cadeira de juiz
 E a esmeralda, quão ofuscante ela brilha,
 E sobre a cadeira, com o grande cetro,
 Aristóteles olhando para a frente

Com um olho claro e agudo na fogaosa
 marcha da canção – e aquela montanha
 ela apressa-se – corajosamente nos vales,
 indomada, e em seu solo

É como as nuvens em chamas do Norte,
 Ondulando da marcha do movimento que corre –
 Os rumores das armas atravessam seus passos
 sobre penhascos de nuvens envelhecidas.

Ah! Ela é quente a senda sagrada –
 Oh, quão experiente o homem elevado corre
 em torno dele – como é espantoso,
 amigos – pátria – distante.

E eu, em torno dele,
 Baixo – na poeira – Não, maior, não isso.
 Corajoso, avante! –! Quando é agora, está completo

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Física I e II*. Trad. Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- DILTHEY, Wilhelm. *Poetry and experience*. Vol. 5. Princeton University Press, 1985. p. 374.
- HÖLDERLIN, Friedrich. Die heilige Bahn [Manuscrito]. Maulbronn [Alemanha], 1787. 4 fs. *Württembergische Landesbibliothek Stuttgart*. Tübingen, Alemanha. Cod. poet. et. phil. fol. 63, I, 42. Disponível em <[http://dfg-viewer.de/show/?set\[mets\]=http://digital.wlb-stuttgart.de/mets/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625.xml](http://dfg-viewer.de/show/?set[mets]=http://digital.wlb-stuttgart.de/mets/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3403765625.xml)>. Acesso em 22 de maio de 2021.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Gedichte bis 1800 Text. Sämtlich Werke. Friedrich Beissner* (hrsg). Zweiter Band. Vol. 1, I. *Stuttgarter Hölderlin-ausgabe*. Stuttgart: W.Kohlhammer Verlag, 1946. p. 79-80. Disponível em: <http://digital.wlb-stuttgart.de/pdf/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3494582866/divid/LOG_0003>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Gedichte bis 1800 Lesarten. Sämtlich Werke. Friedrich Beissner* (hrsg). Zweiter Band. Vol. 1, II. *Stuttgarter Hölderlin-ausgabe*. Stuttgart: W.Kohlhammer Verlag, 1947. Disponível em: <http://digital.wlb-stuttgart.de/pdf/urn:nbn:de:bsz:24-digibib-bsz3494607449/divid/LOG_0003>. Acesso em 25 de maio de 2021.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke und Briefe*. Band 4. Hg. von Jochen Schmidt. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1992.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Poemas*. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Instituto de Cultura Alemã, 1944.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Canto do destino e outros cantos*. Trad. Antônio Medina Rodrigues. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- KRELL, David Farrell. A small number of houses in a universe of tragedy: notes on Aristotle’s *περὶ ποιητικῆς* and Hölderlin’s ‘Anmerkungen’. In: BEISTEGUI, Miguel de; SPARKS, Simon. *Philosophy and tragedy*. London, New York: Routledge, 2005. p. 86-114.
- KREUZER, Johann. *Hölderlin handbuch: leben, werk, wirkung*. Stuttgart, Weimar: Verlag J.B. Metzler, 2011.
- REITANI, Luigi, GRAHAM, David. Face to Face. Hölderlin in a New Italian Bilingual Edition. In: *MLN*, vol. 117, n. 3, 2002, p. 590-598. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3251974>> Acesso em: 22 jul. 2021.
- ROSENFELD, Kathrin H. *Antígona, intriga e enigma*: Sófocles lido por Hölderlin. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- TAMINIAUX, Jacques. *Le Théâtre des Philosophes*. La tragédie, l’être, l’action. Grenoble: Jérôme Millon, 1995.